

JESUS E OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS DO SEU TEMPO¹

1. Síntese de uma tese de mestrado de Bíblia defendida na Universidade de Toronto, Canadá, em 1994 com o título: *A resposta judaica a Jesus de Nazaré à luz das figuras messiânicas de Jesus até Bar Kokhba (1 a 135 d.C.)*.

2. R.J. Zwi WERBLOWSKY, "Crises of Messianism". In *A QUARTELY JOURNAL OF JEWISH LIFE AND THOUGHT* 7 (1958-2). (tradução livre)

*Cada crise messiânica afeta não somente a geração contemporânea a ela, mas chega a comprometer a própria idéia e a maneira de conceber a doutrina messiânica. A história do messianismo traz em seu bojo registros sobre as manifestações dos estágios otimistas da esperança como ideal; aponta para as marcas da impaciência e das frustrações exibindo, dessa forma, um profundo e contínuo impacto na concepção de salvação e redenção.*²

1. SER MESSIAS ENTRE OS JUDEUS E OS CRISTÃOS

Cristãos e judeus proclamam a doutrina da redenção messiânica. Cada tradição, no entanto, define seu Messias obedecendo a perspectivas históricas que servem de encorajamento e alicerce para o ideal de redenção. A fé cristã define o Messias e o reconhece na figura de Jesus, anunciado pelos profetas. Acredita-se que tudo o que Jesus fizera em atos e palavras foi parte do plano redentor esperado e anunciado pela profecia judaica. Os judeus, no entanto, não admitem que a missão redentora que Israel esperava pudesse ser satisfatoriamente desempenhada por Jesus de Nazaré. A maior razão para essa recusa provém do fato de que a verdadeira redenção messiânica deveria resultar num estágio significativo do progresso humano, não só espiritual, mas sobretudo na ordem sócio-política. O messias seria, então, o principal instrumento divino para estabelecer o Reino de Deus.

O título *Messias* (*Ungido Mashiah*), como designação de uma personalidade escatológica, não existe de maneira explícita no Antigo Testamento. Ela ocorre somente no período do judaísmo do Segundo Templo, de maneira especial a partir do advento dos macabeus. Para o antigo judaísmo, portanto, a idéia de salvação escatológica foi muito mais significativa do que o conceito de messias.³

3. D. FLUSSER. In *ENCYCLOPEDIA JUDAICA*. v. 11. Jerusalem, 1971, p. 1408

Se por um lado Jesus é motivo da cisão religiosa provocada no seio do judaísmo, é em torno do mesmo Jesus que circulam muitos pontos básicos da doutrina que os judeus concebiam na época contemporânea aos primeiros cristãos. Esse mundo é ainda desprovido de um quadro completo de informações, embora diante de tais circunstâncias de lacunas, a análise sociológica pode muito bem contribuir para um estudo do período.

Por mais divergências que possam existir entre judeus e cristãos, uma coisa é certa: ambas as tradições estão solidificadas em terreno bíblico. As Escrituras se constituem na fonte primária imprescindível para reconstrução de seus valores históricos.

A maior barreira para a aceitação recíproca dessas duas tradições não diz respeito tanto as suas raízes bíblicas quanto a respeito de suas interpretações. O que divide cristãos e judeus, portanto, **não é a Escritura, mas certamente a hermenêutica**. É esse o campo onde se concentram as maiores desavenças doutrinárias que emergiram ao longo desses dois mil anos. Não poderia ser diferente com relação aos ideais de redenção que, para os contemporâneos de Jesus, possuíam um núcleo nitidamente revolucionário-ativo.

A doutrina, como tal, teve seu pleno desenvolvimento às margens da tradição bíblica de Israel e fez parte da criativa onda de renovação instaurada no judaísmo pós-exílico, cuja expressão máxima parece ter sido canalizada pela **tradição rabínico-farisáica tardia**. Os ideais messiânicos judaicos produziram um profundo efeito nos cristãos, a ponto de transformá-lo a um nível até então não conhecido entre os judeus do primeiro século. Essa nova versão foi suficiente para, no decorrer de algumas décadas após Jesus, provocar um brusco rompimento entre sinagoga e igreja, judaísmo e cristianismo.

Os judeus criaram a doutrina messiânica, mas foram os cristãos que a aplicaram. E bastou essa façanha para que um verdadeiro abismo fosse criado daí por diante. O grau desse abismo vem acompanhado também da insistência de ambos os lados em prover bases sólidas para seus ideais doutrinários. As aspirações cristãs de libertação messiânica sem dúvida comprometeram a maneira de muitos grupos judeus conceberem a restauração redentora em Israel.

Talvez um dos meios de esconder essa complexidade inerente à doutrina messiânica seja explorando o aspecto descontraído de uma anedota clássica. Ninguém sabe a verdadeira origem do relato jocoso, mas parece ser parte do contexto de reuniões de círculos ecumênicos em Jerusalém. David Flusser, professor da Universidade Hebraica de Jerusalem numa ocasião tentou reproduzir essa anedota apócrifa ao se dirigir a um grupo de clérigos cristãos visitantes. Depois de ser questio-

4. Tal assunto foi conversado com cristãos que visitavam recentemente Jerusalém e perguntavam sobre o messianismo de Jesus.

nado sobre o verdadeiro sentido da espera do messias, ele, sobriamente, depois de breve reflexão, disse que *todos nós, judeus e cristãos realmente aguardamos a vinda do messias. Pois bem, não sejamos precipitados em responder quando isso se dará, pois quando ele vier nós ousaremos perguntar-lhe: "Diga-me, Senhor, é essa sua primeira ou segunda visita?"*⁴

O presente artigo pretende retomar o fenômeno dos movimentos messiânicos, e a doutrina e os líderes que surgiram em épocas de calamidades sociais e políticas na terra de Israel. O objetivo é tentar reconstruir o quadro sócio-político-religioso do primeiro século da era cristã e mostrar a evolução sócio-religiosa que culminou com a formação da fé cristã. Devo salientar ainda que o teor metodológico da pesquisa é voltado para uma tentativa de resgate histórico-bíblico da idéia do messias entre os judeus contemporâneos de Jesus.

A principal motivação do trabalho descarta qualquer ligação com tendências apologéticas. A finalidade é situar Jesus de Nazaré dentro do complicado panorama sócio-político-religioso judaico de seu tempo e tentar entender o que estava ocorrendo à sua volta. Além dos princípios da fé cristã o que mais intriga é a persistente e incômoda realidade histórica a respeito de Jesus: ele foi um judeu fiel às suas tradições - a Lei de Moisés, o Templo, a Sinagoga, a Terra de Israel, as Escrituras, etc. (cf. Mt 5:17ss; 10:5-7). Por isso, proponho uma análise do programa messiânico de Jesus, enquanto confrontado com outras perspectivas redentoras de seu tempo. Somos obrigados a rever esse período, mesmo que em seu estado fragmentário, para assim apreciar o verdadeiro valor da missão e proposta libertadora de Jesus. Para isso é mister partir para uma avaliação dos conceitos e da situação dos movimentos de libertação durante aquele período político-religioso instável e caótico por que passava a Terra de Israel.

2. ISRAEL, SEU MESSIAS E JESUS

A análise crítica do momento histórico em que nascia o movimento cristão, bem como toda a literatura sobre a vida de Jesus de Nazaré, são o resultado de pesquisas científicas relativamente recentes. A maioria dos estudos clássicos veio a lume a partir do século passado.

Entre os maiores expoentes dessa área de estudos sobre as origens do cristianismo e o período do final do judaísmo do Segundo Templo não poderíamos omitir os nomes de Joseph Klausner, G. Bornkamm, Albert Schweitzer, S.G.F. Brandon, William R. Farmer, Travers R. Herford, James Charlesworth, S. Mowinckel, Solomon Zeitlin e, mais recentemente, David Flusser. Esses homens são estudiosos de nível inquestionável

que apresentam o devido rigor e autenticidade nos trabalhos sendo autores de publicações de alto teor acadêmico. Dispostos a perseguir a verdade, as pesquisas têm contribuído significativamente para uma nova visão do mundo cristão do passado que nos gerou.

Como conseqüência, esses e muitos outros estudiosos foram guiados pela intensa e sábia convicção de que é preciso rever nosso passado histórico para entender o progresso de uma tradição que cresceu e se desenvolveu ao longo de milênios. Ora, Jesus não é fruto do acaso, nem do exclusivismo inconstante, mas é produto das novas concepções que emergiam do complexo processo pluralístico que marcava sua época.

Como o cristianismo, que tanto buscava definir sua identidade (Atos 15), assim também o Judaísmo pós-exílico ansiava por sua identidade. Isso ocorreria definitivamente após o período de Yabneh (90 d. C.), ocasião em que o judaísmo rabínico foi levado a traçar as diretrizes do que podemos chamar “judaísmo normativo”, que passou a caracterizar o judaísmo de nossos dias. A principal base dessa sobrevivência repousa em três condições: *Sede cautelosos no julgamento: educai muitos discípulos, e, fazei uma cerca em torno da Torah (Mishná Abot 1:1).*

As importantes informações colhidas ao longo da pesquisa são oriundas dos escritos do historiador judeu Flavio Josefo. Apesar de tantas críticas feitas à posição muitas vezes ambígua de Josefo, situados entre ser fiel ao judaísmo mas escrevendo para os romanos, não podemos nos esquivar de suas informações históricas. Ele constitui, na verdade, nossa única fonte do período. As causas e conseqüências das duas maiores catástrofes nacionais desse período, a saber, a destruição de Jerusalém, em 70 d. C., e a revolta nacional de Bar Kokhba, em 135 d.C., parecem nos fornecer preciosos elementos para a reconstrução da atuação político-religiosa caótica desses dois séculos da era cristã. Josefo, obviamente, é útil na abordagem histórica do primeiro século, porque foi ele uma testemunha ocular da Grande Guerra Judaica de 66-70 d.C.

A partir dessas informações serão articuladas as idéias que visam traçar um elo entre a atividade revolucionária e a atividade messiânica. Há duas pressuposições básicas aceitas como ponto de partida para o estudo:

Primeiro, a idéia sobre a vinda de um grande libertador era conhecida e partilhada, senão por todos, pelo menos pela maioria dos judeus do primeiro século. Isso oferece certa segurança para acreditar que a crença na espera de um messias libertador foi o que produziu pretendentes ao nível de falsos profetas, falsos messias e charlatões com promessas e anúncios extravagantes de libertação nacional.⁵

5. É bom salientar que o aparecimento dos falsos messias é um fenômeno que ocorreu na fase imediatamente anterior à destruição de Jerusalém pelos romanos, em 70. O ponto de partida mais apropriado para o desenvolvimento da tese está associado à própria definição do termo apresentado na ENCYCLOPEDIA JUDAICA: *Pessoas que afirmavam ser agentes de libertação de Israel, divinamente apontadas ou nomeadas com a finalidade de restaurar plenamente o reino messiânico prometido.* H.G. FRIEDMANN, “Pseudo-messiahs”. Ibidem, v. 10, p. 251. É preciso ainda não superestimar a atribuição de função de semi-deuses por algum desses pretendentes. Não se tem notícia de que o papel de Messias estava necessariamente associado à natureza divina dentro do Judaísmo.

O cumprimento das esperanças proféticas judaicas se constituía no principal canal e pivô das reivindicações populares numa época tão conturbada como o primeiro século. Os traços e a performance de muitos desses personagens, seguramente pessoas de existência histórica inquestionável, foram estudados através dos dados informativos de Josefo, e do Novo Testamento.

A segunda pressuposição é que em Jesus houve uma autêntica manifestação messiânica. Os subsídios fornecidos sobre os movimentos e lideranças populares propõem uma sondagem metódica sobre a direção da missão redentora de Jesus com o intuito de colher os elementos comuns presentes nos diversos modelos messiânicos.

A análise do conceito messiânico deve levar em consideração toda a evolução do processo formativo da doutrina messiânica e da crença no messias pessoal como se apresentava dentro das tradições de Israel. A advertência visa atentar para o âmbito das fontes da doutrina desenvolvida pela fé cristã em Jesus. Em Israel, ela está presente ao longo do desenvolvimento político-espiritual amadurecido e metamorfoseado durante o período do Segundo Templo. Como ilustrações desse problema, vale mencionar uma distinção que normalmente se faz no judaísmo, em que “era messiânica” e “messias” apresentam definições distintas.

No cristianismo, porém, esta divisão não se faz necessária, já que em Jesus elas foram partes integrantes de um mesmo e único processo de salvação. Os rabinos, contudo, insistiam que o “messias” só tem significado quando situado contra o pano de fundo da “era messiânica”, era a que o messias estava condicionado. Essa visão rabínica encontrou expoentes na própria tradição judaica. Um grande erudito cristão expõe da seguinte forma essa associação conceitual: “*A era messiânica significa o pleno restabelecimento da independência e da soberania do poder ao trono de Davi, uma era de paz e prosperidade humana, de fidelidade a Deus e à Sua Lei, do predomínio da justiça e do amor fraterno entre os homens...*”⁶

A investigação do fenômeno messiânico implica, em seu estágio inicial, o método do resgate conceitual bíblico. O problema hermenêutico pode então clarear o caminho para a avaliação mais significativa da estrutura doutrinária construída ao longo dos séculos. Além do mais, a seriedade desse método propõe não somente a própria recuperação conceitual como também certo rigor científico de sua evolução histórica. Um exemplo típico advém do equívoco popular que defende a *idéia messiânica como algo próximo do reino espiritual em oposição ao reino político* que buscava a realização prática da esperança redentora. Na verdade, os ideais messiânicos sempre inspiraram movimentos libertadores em todas as épocas da

6. G.F. MOORE. *Judaism*, v. 2, p. 324.

história. Portanto, não parece apropriado analisar essa evolução doutrinária partindo de uma concepção equivocada centrada no antagonismo espiritual versus político.

3. OS CRISTÃOS, SEU MESSIAS E ISRAEL

Na tradição cristã é freqüentemente declarado que Jesus de Nazaré apresentou-se ao povo judeu segundo a perspectiva messiânica sustentada pelo judaísmo bíblico. Mas que esse povo o rejeitou. Um dos propósitos da pesquisa feita é examinar essa máxima não segundo a ótica cristológica, mas ressaltando as condições judaicas internas da proposta messiânica enquanto vinculada às condições históricas da época. Na seqüência mostra-se que a declaração cristã, quando estabelecida sem devida atenção à essa realidade, não leva em consideração os principais critérios sobre o estabelecimento do reino messiânico em Israel, tal qual a maioria judaica aceitava.

O critério metodológico adotado proporciona o estabelecimento de um esquema que predomina basicamente em todo o trabalho. São os paradigmas da doutrina messiânica, estratégia que visa facilitar um confronto das tendências libertadoras em Israel. A primeira matriz traz como núcleo o conceito da expectativa do “Messias Rei, Filho de Davi”; a segunda matriz conceitual é apresentada em torno da crença no “Messias Filho de José”; e, finalmente, um terceiro, que emerge na figura de um “Profeta Redentor”.

O exame da “história messiânica” daquele período permite-nos classificar os vários movimentos de acordo com o conteúdo e com as propostas redentoras segundo os critérios arrolados acima. Os subsídios ideológicos são sondados à luz dos ideais de libertação nacional predominantes no período da era herodiana, que parece se estender até a Revolta de Bar Kokhba. É nessa época que a Terra de Israel se encontra num momento decisivo diante do futuro político e religioso incerto para o povo judeu. Vários movimentos de orientação nacional emergem logo após a morte de Herodes, o Grande, 4 a. C., na situação de grupos de vanguarda às tradições antigas de Israel. Assiste-se a uma intensa luta de líderes que proclamavam a soberania nacional através da legitimidade do trono de Davi.

É esse o clima da situação política e religiosa de Israel que Jesus provavelmente conheceu. Era o auge de uma era crítica que iria finalmente culminar na explosão das duas maiores catástrofes nacionais, algumas décadas após a morte de Jesus; a Grande Guerra de 70 e a Revolta de 135. A tensão política e religiosa em que se encontrava o povo deu vazão às mais diversas formas de expressão popular, encontrando sobretudo na ideologia messiânica sua forma mais conhecida de reivindicação libertadora.

A pesquisa tem um caráter de exame comparativo. Um dos principais objetivos é a tentativa de visualizar algumas das razões que levaram o povo judeu a rejeitar a proclamação messiânica de Jesus. Esse esforço, no entanto, é motivado não pelo interesse apologético, mas sim exclusivamente acadêmico. A crítica judaica feita a Jesus não é o resultado de um trabalho isolado do campo científico teológico. Ela decorre como consequência natural da postura dos judeus frente aos movimentos de teor messiânico, emergentes na história. Insiste-se muito na amplitude e alcance da expectativa messiânica, marcada pelo pluralismo de correntes de pensamento e expressões que foram fruto da atmosfera da longa evolução por que passou Israel após o exílio.

Jesus foi uma parte legítima dessa história, que assumiu características até certo ponto singulares como maneira de responder aos problemas de sua época. Houve na figura de Jesus a gênese de um movimento autêntico que se desenvolveu como força centrífuga do judaísmo pluralista do fim do período do Segundo Templo. Obviamente, não faz parte dos objetivos da pesquisa estabelecer polêmicas em torno da natureza messiânica de Jesus enquanto centrado no “querigma” da Igreja. Há razões bem evidentes, por exemplo, para se evitar um confronto de duas naturezas diversas: o Jesus histórico judeu e o Cristo da fé cristã. Aquí é apenas o primeiro ponto que nos interessa, dado que o Cristo da fé não pertence à história do Judaísmo.

O quadro multiforme do conceito messiânico judaico nos impede de traçar um perfil preciso do messias na época de Jesus. Este estado fragmentário seria ultrapassado, com alguma ressalva, somente pela interpretação cristã. Somente depois do advento do cristianismo é que os rabinos realmente se ocupariam com a questão do conceito e das expectativas messiânicas em Israel. Mesmo assim, não se deve exagerar o grau dessa preocupação, pois houve sempre muita precaução por parte dos rabinos em não tornar o Messias algo tão relevante como aconteceu com a fé cristã. Os princípios doutrinários judaicos chegaram até nós por intermédio da literatura rabínica, codificada no Talmud e nos Midrashim, e vale ressaltar que possuem um aspecto fragmentário.

A doutrina messiânica do judaísmo e do cristianismo obedecem a critérios que, na maior parte, são inconciliáveis. Essa divergência nasce da natureza da hermenêutica bíblica da doutrina, enquanto mediação das propostas concretas da ação divina na história da humanidade. As principais referências bíblicas parecem coincidir quanto ao fundamento doutrinário, embora suas avaliações quanto ao processo de redenção estejam longe de serem conciliáveis.⁷

O cristianismo viu concretizar-se pela fé em Jesus um novo processo salvífico na história de Israel que não correspondia

7. Traços messiânicos podem ser encontrados através de alusões em versículos como Nm 24, 17; Gn 49, 10; Dt 18, 15. As tradições judaica e cristã obviamente exploraram versos como estes a fim de fortificar a doutrina messiânica de modo implícito. Essas descrições, contudo, não respondem de modo explícito e sistemático o ponto doutrinário enfatizado.

plenamente aos ideais de Israel de acordo com a perspectiva judaica de redenção. O principal motivo desse desencontro esteja talvez ligado à ruptura que os seguidores de Jesus conceberam entre a nova fé e a história de Israel. O cristianismo, através desse processo salvífico de Jesus, desencadeou uma dinâmica inteiramente nova de concepção messiânica. Ela era tão nova que chegou a desviar o curso da perspectiva messiânica que já não atendia a demanda histórica do povo de Israel. Foi a cristologia que promoveu uma ampla associação daqueles vários elementos que no judaísmo eram considerados separados, a exemplo do que ocorreu com a “era messiânica” e o “Messias”. Um aparente impasse foi, por isso, superado pelos cristãos sendo Jesus o único elemento conciliador.

Para um judeu o fato de não poder fazer uma profissão de fé em Jesus como messias tornou-se conseqüentemente um marco de identidade. A lei tornou-se para o judeu o que Jesus significou para os cristãos. Não é difícil imaginar o abismo que essas concepções têm criado ao longo dos séculos, definindo daí por diante dois principais centros da significação messiânica: De um lado Jesus de Nazaré e do outro a Torah, a Lei.

4. JESUS, O JUDEU-MESSIAS

De acordo com a proposta metodológica, a tese sustenta que uma resposta judaica Jesus só é possível caso se leve em conta a natureza de Jesus como um judeu condicionado à sua cultura e aos problemas de seus dias, que precede à fé cristã. Esse deslocamento histórico é proposital enquanto serve para delimitar as fronteiras de duas tradições diferentes que não mais compartilham a maneira de ver o processo da redenção na história. Atento para essa divisão metodológica, o principal enfoque será em relação a Jesus ao invés do Cristo da Igreja: Jesus é um legítimo galileu do judaísmo pluralista do primeiro século.⁸

Para privilegiar esse enfoque histórico, Jesus não pode ser erradicado de seu habitat. Entendem-se por essa realidade histórica as condições sócio-política-religiosas que prevaleciam na terra de Israel durante o curso de sua vida.

4.1. Em busca das características do Messias judeu

O primeiro capítulo tem por objetivo oferecer um esboço da complexa diversidade de concepções extraído do contexto sócio-literário, da tradição oral e escrita que provavelmente deu origem à crença no messias libertador em Israel. O exame leva em consideração a doutrina como parte das tendências em estágio de ascensão dentro do judaísmo normativo em respos-

8. A lista de estudiosos que defendem esse método inclui, entre outros, alguns nomes como J. H. CHALESWORTH, em seu artigo “Rethinking Jesus\ Jewishness”. In *SIDIC*. 26 (1993-3), pp.3-14; D. FLUSSER, “Jesus”. In *ENCYCLOPEDIA JUDAICA*. v. 10, pp. 10-14, em vários outros artigos de sua autoria; e, principalmente, Geza VERMES, *Jesus the Jew*. London, Collins, 1973; *Jesus and the World of Judaism*. London, SCM, 1983.

ta às questões emergentes do período. A descrição deste capítulo aponta as idéias dominantes entre judeus, mas deixa em aberto a formulação de um conceito capaz de reunir todas as características de um Messias pessoal.

O judaísmo sectário, antes de 70 d. C., assumia posturas bem diversificadas na maneira de conceber a figura messiânica, não sendo possível por isso delinear a expectativa redentora em torno de um único conceito. Pretende-se insinuar que em decorrência da falta de uma estrutura conceitual mais sólida e com a questão dogmática muito diluída, ainda não exibia o judaísmo uma ortodoxia doutrinária absoluta. O abuso na exploração dessa figura libertadora ocorria, na maioria dos casos, quando os líderes defendiam posições radicais voltadas para uma nação libertadora imediata. Mas, essa tendência ainda não reflete o modo incondicional dada à concepção messiânica.

Sublinha-se, ademais, a influência relevante do espírito apocalíptico que predominou em grande parte da literatura do período intertestamentário, dando-lhe respaldo ideológico associado à escatologia. Vários líderes idealizaram essa era messiânica como a consumação final dos tempos e do homem, sendo o messias o encarregado de Deus para essa batalha derradeira. O trono de Israel, outrora ocupado pelo grande Rei Davi, era uma das condições primordiais para a consumação dessa esperança.

Dentro do quadro da diversidade ideológica, é possível averiguar aqueles líderes e movimentos enquanto intimamente relacionados com as perspectivas libertadoras comuns da época. Três modelos servem tal propósito: a) o *Messias filho de Davi*; b) o *Messias filho de José* e c) o *Messias como Profeta redentor*. Longe de pretender responder à questão de modo exaustivo, esse método parece como auxílio ao trabalho de resgate de três principais enfoques ou tendências de um fenômeno tão complexo existente no século I.

Os paradigmas da libertação messiânica facilitam a investigação no sentido de que um estudo comparativo é possível de ser elaborado. Assim, a idéia do Messias *filho de José* (*Segundo Messias*) é de interesse particular por três razões:

a) por causa de sua ligação com a derrota nacional judaica de Bar Kokhba (135 d.C.), e da possibilidade de esta mesma figura ter corroborado e inspirado a literatura apocalíptica rabínica tardia. Parece haver fortes vínculos entre a apocalíptica e a noção da ação libertadora proveniente desse segundo messias, Filho de José.

b) porque há insinuações de que os rabinos já conheciam certas noções importantes da figura desse messias “sofredor”, Filho de José, o que aparece como paralelo flagrante com a idéia cristã.

c) somos provocados a abrir espaço para discutir sobre a natureza de Jesus como o “*servo sofredor*” em associação com papel libertador exercido pelo “*Filho de José*”.

Em síntese, o capítulo I propõe uma ampla investigação do campo conceitual, buscando definir termos e delimitar áreas de estudo que servirão como pressupostos para os capítulos subsequentes.

4.2. Personagens com dons messiânicos

No segundo capítulo a ênfase maior será colocada na descrição e análise dos líderes e dos movimentos de libertação que eles representavam. Judas, o Galileu (6 d.C.); Athronges (4 a.C.-6 d.C.); João de Giscala (66 d.C.); Simão bar Giora (66 d.C.); Menahem (66-70 d.C.); Andreas Lukuas (114-117 d.C.) Simão bar Kokhba (135 d.C.); Teudas (44 d.C.) e o Falso Profeta Egípcio (52-54 d.C.). O principal termo de referência a essas figuras é “*Pseudo*” ou “*falso-messias*”, usado para designar um “*pretendente*”, de acordo com o status de um libertador, esperado por grande parte da nação Israel.

Isso não implica que seu sentido adquira um teor essencialmente pejorativo, visto que muitos ou a maioria desses homens, surgiram na história motivados pelo firme e honesto propósito de lutar por uma causa justa: a liberdade do povo de Israel.⁹ Normalmente, o programa libertador tinha seu final com a prisão do líder, seguido da sua execução e o conseqüente dispersão dos seus seguidores. Seu nome caía, então, em esquecimento daí por diante (cf. Atos 5:36-39), sendo só ocasionalmente lembrado.

9. Cf. nota 5.

O contexto sócio-político-religioso de Israel demanda uma séria revisão, incluindo um estudo sobre as facções judaicas da época, bem como dos diversos tipos de lideranças, dos grupos dissidentes, dos tumultos políticos e das atividades bélicas de cunho nacionalista. Essas abordagens estão incluídas na agenda principal do capítulo II. Todos os fatores considerados servem para reforçar a tese, posteriormente desenvolvida, de que Jesus, como muitos outros, falhou em responder satisfatoriamente a todos os critérios da expectativa messiânica correntes em Israel no fim do período do Segundo Templo. A preocupação em fornecer informações históricas e batalhas sobre Judas Galileu, por exemplo, nasce da exigência metodológica imposta por esse estudo: comparar o programa revolucionário zelota de Judas à proposta messiânica de Jesus de Nazaré. A análise favorece a oportunidade para averiguarmos até que ponto Judas e Jesus compartilhavam os mesmos princípios doutrinários da crença na redenção de Israel. O elemento comparativo mais notável deriva de uma ideologia identificada como “*corrente dinástica messiânica*”¹⁰

10. Cf. S. MOWINCKEL. *He That Cometh*. Oxford, Basil Blackwell, 1959, p.291, 284

11. Sugere-se que a “tradição dinástica” era familiar nos círculos dos seguidores de Jesus, tanto que eles idealizavam dar seqüência nos planos após sua morte. Foi na ocasião de uma crise que afetou a liderança dinástica da igreja de Jerusalém, por volta de 62 d.C., que se buscou restaurar o sentido da continuidade na sucessão de Jesus: primeiro Tiago, o irmão de Jesus, e depois Simeão, seu primo. Ver principalmente S.G.F. BRANDON. *Jesus and the Zealots*. Manchester, University, 1967, p.125; 166-7.

12. Cf. JOSEFO. *Antiguidades XX*, 97-8/5.1: XX, 167-172/8.6: *Gueras II*, 261-3/13.5: Atos 5:37s)

É através dela que os zelotas buscavam sustentação para dar continuidade de seus projetos de libertação nacional. Iniciada por Ezequias, um herói da causa nacional judaica do período herodiano, foi desencadeando uma longa tradição de lutas revolucionárias desde sua morte por Heródes, em 37 a.C., até a explosão da Grande Guerra de 70 d.C., com Menahem. Alguns eruditos vêm refletido no movimento iniciado por Jesus uma motivação semelhante.¹¹ De forma nenhuma, porém, o estudo induz a uma associação absoluta entre esses movimentos.

Quanto às outras figuras messiânicas, tal como Teudas e o Profeta egípcio¹², nos fornecem uma boa base de comparação da atitude de cunho carismático-escatológico de Jesus de Nazaré. Essa vertente de messianismo pregava a restauração e reivindicava a vinda de um profeta redentor.

4.3. Encontro do messianismo de Jesus com o dos judeus

O capítulo três investiga o quadro da proposta sócio-político-religiosa de Jesus à luz da expectativa messiânica entre os judeus da sua época. Qual seria ou deveria ser o real impacto da agenda redentora de Jesus no seio do judaísmo pluralista do seu tempo? Baseado em que critérios poderia alguém sustentar que “os judeus” rejeitaram Jesus como o Messias? A pesquisa procura levantar subsídios para responder a muitas questões semelhantes a essas, reconstruindo a trajetória histórica de Jesus dentro do judaísmo.

A autoridade da crítica judaica repousa, obviamente, no segmento que, após a destruição do Templo, 70 d.C., deu seqüência às tradições judaicas, o judaísmo normativo farisaico-rabínico. Todas as autoridades judaicas defendem o ponto de vista que Jesus não pode ser o messias esperado por Israel. Uma das maiores tarefas impostas nesse terceiro capítulo é promover o exame das possíveis respostas que os judeus podem ter dado ao messianismo de Jesus.

As fontes praticamente ocultaram qualquer formulação explícita dessa reação a Jesus. Esse silêncio, por sua vez, não parece valer apenas em relação ao caso Jesus. É visível a ausência de referência existente quando outras personalidades judaicas deveriam integrar o quadro do fenômeno messiânico em geral. As fontes não os mencionam em absoluto, exceto o caso de Simão Bar Kokhba (135 d.C.).

Quanto a Jesus, isso não é difícil de compreender. A mentalidade do judaísmo rabínico normativo só nos é acessível através da literatura dos Tannaim e Amoraim (Talmud), que são uma produção codificada tardiamente (depois do século II d.C.). No tempo em que fora redigido, provavelmente o cristianismo já estava organizado como realidade sócio-religiosa totalmente estranha ao judaísmo. Os judeus pós-70 já haviam

assimilado a irrelevância da fé cristã cujo Messias Jesus constituía uma realidade a parte do destino de Israel. Essa conjectura pode ser o caminho para uma explanação da ausência da crítica rabínica formalmente expressa em suas tradições.

A escassez de fontes nos obriga a contornar a situação ao tentar reconstituir o contexto histórico do período de Jesus através dos escritos de Josefo para, só então, poder tratar do período posterior e encontrar alusões a Jesus e a seu movimento. Realce da perspectiva messiânica vem acompanhado do condicionamento às questões sociais e políticas, que penalizavam seriamente o povo sob o jugo romano.

A tese defende que se uma reação judaica a Jesus realmente existiu, ela é fruto da mentalidade rabínica tardia, mas que se revela dentro de uma prudente discrição. Os indícios só estavam disponíveis nas entrelinhas da literatura rabínica após o século II.¹³

Entre os principais expoentes dessa investigação devemos citar os nomes de três estudiosos, de acordo com diferentes posicionamentos dessa relação: T. HERFORD, em sua obra de enorme valor científico-teológico escrita no início deste século, M. GOLDSTEIN, num trabalho também famoso e, finalmente, o extenso artigo de J.Z. LAUTERBACH.¹⁴

O conhecimento fragmentário de Jesus histórico não se constitui em nenhuma justificativa para minimizar a importância da constituição histórica de seu movimento. Por mais escassas que nos possam parecer, as informações históricas provenientes do Novo Testamento a respeito de Jesus, não podemos ter ceticismo radical da abordagem histórica possível de ser feita. Não se trata, pois, de reconstituir a história do cristianismo, mesmo porque isso fugiria da real proposta da pesquisa. É possível, diante de certas ressalvas metodológicas, extrair traços históricos fortíssimos do Novo Testamento. Afinal, Jesus foi um judeu do seu tempo, condicionado a certas situações que eram comuns ao ambiente e à cultura judaicos. O método histórico empregado na pesquisa não pretende tornar exaustiva a investigação do fenômeno tal qual aparece descrito no Novo Testamento. Serve apenas como retomada do contexto sócio-político-religioso com intuito de articular melhor a formulação do debate.

Assim, por exemplo, foram escolhidas passagens específicas dos evangelhos que apresentam um teor historicamente relevante para os objetivos de pesquisa. De modo especial os episódios intitulados “A entrada messiânica de Jesus em Jerusalém” (Mc 11:1-11, e paralelos) e a “Expulsão dos vendilhões do Templo” (Mc 11:15-19, e paralelos). São episódios típicos em termos evocativos dos movimentos de libertação messiânica judaica da época. Essas passagens, portanto, nos desafiam a tentar estruturar modelos dentro dos quais poderíamos situar

13. Esta literatura é em sua maior parte constituída de passagens fragmentarias do Talmud: TB Sanh. 43a; 103a; 106a; 107a; TJ Sanh IX,7; X,11; TB Shab. 104b; 106a-b; TB Sotah 47a; TJ Shab. 13d; TJ Ta'an.65b; Baraita Abodah Zarah 16b; 17a.
14. T. HERFORD, *Christianity in the Talmud and Midrash*. New York, Ktav, 1903; M. GOLDSTEIN, *Jesus in the Jewish Tradition*. New York, Macmillan, 1950; J.Z. LAUTERBACH, “Jesus in the Talmud”, In *Rabbinic Essay*. Cincinnati, Huca, 1951, pp.473-570.

o propósito messiânico do próprio Jesus, dando margem para traçar paralelos entre os vários movimentos.

O interesse em destacar a “Entrada triunfal de Jesus” tem como pano de fundo a análise crítica do evento enquanto é um “modelo” expressivo de outras manifestações. Ele nos oferece um rico canal de acesso ao mundo das expectativas messiânicas num tempo de caos e instabilidade sócio-política vividos pelo povo judeu na terra de Israel. Jesus está inserido nesse quadro altamente sugestivo e de grande alcance sociológico. Segundo a maioria dos estudiosos dessa área, os dois relatos podem não ser históricos em cada detalhe apresentado nos evangelhos. O fato, porém, das homenagens e das saudações em sua entrada nos revela uma atitude popular perfeitamente compatível com os costumes das boas vindas a um líder. A idéia é de que certamente houve conotações em Jesus que os escritores dos evangelhos propositalmente omitiram a fim de atender às tradições messiânicas. Atento a esses detalhes, é provável que o acontecimento teve em seu núcleo uma forma de manifestação messiânica.¹⁵

15. Ver especialmente a esse respeito a obra de S.G.F. BRANDON. *Jesus and the Zealots*. Mancehhester, University: 1967; outras importantes referências em defesa dessa idéia são encontradas em C.G. MONTEFIORE. *The Synoptic Gospels*. London, Macmillan, 1927, v. 1, pp. 259-265; T.W. MANSON. *The Servant Messiah*. Cambridge, University, 1961, pp. 78-88; além de outras monografias sobre o assunto, citadas no decurso da pesquisa.

O comprometimento de Jesus com a causa de Israel é amplamente abordada no terceiro capítulo. O objetivo em tratar essa questão não advém de nenhum anseio pessoal em querer determinar o posicionamento ideológico exato e que Jesus estava atrelado. É sempre prudente frisar a dimensão flexível do judaísmo pós-exílico em se adaptar às suas situações pluralistas sócio-político-religiosas da terra de Israel. Jesus é fruto do complexo espírito sectário do período do Segundo Templo, época de inúmeras tendências inovadoras que culminou, inclusive, na formação dos partidos religiosos judaicos da época neotestamentária.

A exemplo do desenvolvimento doutrinário que aos poucos se manifesta, o messianismo emergiu lentamente no seio do judaísmo como força que estimulou a vida judaica a responder aos rumos e ao destino humanos frente às circunstâncias existentes. O quadro diversificado inevitavelmente assumiu concepções heterodoxas, que nos impedem de nos referirmos a um judaísmo oficial pelo menos antes da destruição do Templo.

Sempre que Jesus se constitui no foco da investigação, por outro lado, não há como dispensar uma análise dessa situação política e religiosa diversa. Mesmo que Jesus não tenha abraçado uma concepção partidária, não há dúvidas de que ele compartilhava muitos pontos doutrinários com os grupos do seu tempo. Há tendências em meio acadêmicos que visam enquadrar a atividade messiânica de Jesus enquanto polariza entre os Zelotas e os Essênios.

Hoje essas posturas estão sendo revistas seriamente: de um lado, há quem ponha sua atuação entre os líderes que encabeçavam movimentos de orientação pacífica, como Teúdas, um

líder escatológico. Por outro lado, há quem defenda uma postura mais ativa, entusiástica, de Jesus enquanto modelado pelo espírito radical zelota. Admite-se que muitos falsos-messias descritos no segundo capítulo trazem o forte rótulo da *motivação zelota, empreendendo lutas patrióticas anti-romana na terra de Israel*.

Pode-se indagar, portanto, partindo desses elementos, até que ponto a avidez desses líderes guerreiros contemporâneos a Jesus realmente afetou sua maneira de conceber a sua missão libertadora. Procurou-se fugir da velha e ultrapassada polêmica em torno da qual escritores cristãos tem buscado justificativas para a missão messiânica de Jesus, tendo para isso que forjar uma passagem que normalmente não existia: missão política e nacional versus missão espiritual, acentuando sobretudo o segundo ponto. Mesmo a atitude zelota, quase sempre usada para estigmatizar a maneira obtusa judaica, freqüentemente é fruto de idéias equivocadas daqueles que rejeitam seus valores religiosos permanente como “profanos”.

Seria difícil, senão impossível, tentar compreender as expressões religiosas judaicas pela ruptura de valores culturais próprios do judaísmo. Elementos da vida política nacional e religiosa sempre estiveram interligados na mentalidade judaica. Se os zelotas adotavam uma postura política mais radical, de modo algum implicaria em desqualificar a maneira de encarar o reino messiânico como simplesmente “secular”.

De todas as posições ideológicas defendidas em relação à atuação de Jesus (zelota, essênio, fariseu), provavelmente a mais polêmica é aquela que destaca sua associação com o grupo nacionalista de intensa atividade bélica, os zelotas. A tese em defesa do caráter profundamente político de Jesus, e seu envolvimento em problemas sociais da época, provém do trabalho altamente significativo do escritor inglês S.G.F. BRANDON. Embora seja hoje uma tese de difícil aceitação no mundo acadêmico, esse escritor fez um trabalho de notável competência principalmente no que se refere ao seu estilo científico sofisticado. Mas, apesar disso, não creio ser tarefa simples sustentar Jesus dentro do quadro do programa ultra-nacionalista zelota, como o fez BRANDON.¹⁶

Essa abordagem histórica do Jesus revolucionário na luta de resistência em prol da soberania política de Israel não parece ser nova, embora tenha ganho notoriedade com as publicações de BRANDON, a partir da década de cinquenta. Outros nomes de vulto apareciam já no século XVIII, como Samuel Reimarus, e no início do presente século, K. Kautsky e Robert Eisler. Sem dúvida, o lado rebelde de alguém que espera ardentemente pela liberdade pode causar fascínio. Será que é

16. Ver os principais trabalhos do autor, como *Jesus and the Zealots* e *The Trial of Jesus of Nazareth*. A proposta de BRANDON, com refinado toque de persuasão, tenta encontrar uma centelha de atividade revolucionária em muitas narrativas sobre Jesus no *Novo Testamento*. Isso não pode ser, obviamente, internamente aceito. O trabalho discute o problema.

possível abordar a rebeldia política de Jesus ao ponto de levar-nos a compará-lo aos zelotas? A indagação parece ser sedutora se considerarmos certos resíduos do espírito zelota deixados nos escritos do Novo Testamento de modo inadvertido — (Cf. Mc 11,15-16; 14,43ss; Mt 10,34-36).

Seja como for, não parece claro qualquer intenção nos relatos do Novo Testamento em associar Jesus ao tipo da atividade revolucionária característica dos zelotas. O espírito libertador nacional-zelota, impregnado com concepções messiânicas de redenção, certamente não encontraria respaldo no programa de Jesus. Outro ponto que parece enfraquecer a tese da associação de Jesus com os zelotas é que em nenhum lugar Jesus se mostra ambicioso por um plano revolucionário voltado para a reforma social e política da forma radical tal como o pregado pelos zelotas.

5. JESUS E O SEU REINO MESSIÂNICO

Seria sensato situar Jesus dentro contexto da turbulenta atmosfera do aparecimento de pretendentes messiânicos, em defesa de uma justa causa, “*a causa de Israel*”. Em muitos falsos messias, essa “causa” consistia no mais sério desejo, sempre movidos por desejos honestos, em desafiar as situações políticas da terra de Israel. Na “causa de Israel” aqueles que aspiravam ao reino messiânico, pretendiam fazer cumprir as promessas redentoras de Deus.

Atualmente existem tendências que insistem numa tentativa de adaptação de Jesus a essa ou àquela posição ideológica que, no fundo, nada mais reflete senão a própria posição pessoal. Ora, se explora o lado pacífico de sua mensagem messiânica, como se estivesse alienada do plano social e político. Ora se apela com insistência para um Jesus revolucionário, deixando em segundo plano a estrutura de um judaísmo essencialmente religioso centrado no templo e na sinagoga. Afinal que Jesus é possível ser resgatado aí? Como é possível conciliar esses dois fatores, político e religioso, através da sua missão libertadora?

O aspecto histórico, até onde nos é permitido conhecê-lo, deve ser a chave para leitura de um Jesus devotado a uma “causa”. O estudioso alemão Oscar Cullmann é sensível a esse problema e adverte contra aqueles que buscam se firmar através de conclusões precipitadas: “*Em nossos dias, em que se fala em Teologia da Revolução, é compreensível que haja grande tentação de ir mais além do que o mencionado rabino judeu, fazendo de Jesus pura e simplesmente um revolucionário zelota*”.¹⁷ Mais do que uma crítica aos defensores da postura que reduz Jesus ao radicalismo zelota, isto é, às idéias propostas por R. Eisler e S.G.F. Brandon, Culmann investe cautelosamente em defesa

17. *Jesus e os revolucionários de seu tempo*. Petrópolis, Vozes, 1972, p.14.

do bom senso, evitando assim o exagero do “*modernismo que ameaça com o perigo de caracterizar a imagem de Jesus de acordo com o hoje unilateral e tendencioso*”.¹⁸

18. *Ibidem*, p.11.

A mensagem de Jesus pode estar muito próxima de qual-
quer outro método que tinha como objetivo reduzir o impacto da força bruta, quando não à redução da violência ou mesmo à renúncia total a ela como meio de estabelecer o reino de Deus e o reino messiânico (Lc 6:27-36; Mt 5:38-48, etc). Mas a renúncia à violência não implica necessariamente na renúncia de uma causa justa e legítima. Para Jesus, a inovação de uma mensagem se impõe de maneira penetrante e sutil, cujo verdadeiro processo de libertação principia com a liberdade interna.

O erudito Martin Hengel observa em uma de suas críticas feitas contra o perigo dos equívocos ideológicos que a obsessão em mostrar o fenômeno das “reformas” de Jesus vem sempre acompanhado do risco perigoso em modelar Jesus segundo um padrão unilateral: “*A verdade não está em interpretar a figura de Jesus conforme o eventual última modo do espírito da época — perigando tal interpretação dar insensivelmente em falsificação — mas em moldarmos e realizarmos nossa vida segundo o seu modelo*”.¹⁹

19. M. HENGEL. *Foi Jesus revolucionário?* Petrópolis, Vozes, 1971, p.22.

A trajetória de Jesus da Galiléia até Jerusalém nos oferece um quadro sugestivo para avaliar sua missão dentro dos planos da redenção messiânica. Do ponto de vista judaico, porém, fica evidente que após a sua morte Jesus foi definitivamente rejeitado pela maioria esmagadora de seu povo, e quase que totalmente ignorado pelo judaísmo rabínico normativo do pós 70 d.C. O final de seu ministério em Jerusalém, e sua morte na cruz romana foram ocorrências que contribuíram para enfraquecer uma missão libertadora aos olhos do povo, principalmente diante daqueles que ansiavam por ver a nação definitivamente livre do poder opressor romano.

O fato significativo da morte de Jesus, no entanto, é que ela passou a estar condicionada, posteriormente, a outra forma de libertação messiânica, através da ressurreição do corpo. Passado aquele turbulento período, um pequeno grupo de seguidores de Jesus parece ter superado as crises relacionadas às antigas perspectivas messiânicas, passando a acreditar em Jesus como o messias que havia inaugurado o tempo messiânico novo e que era aguardado a sua volta para breve.

Essa mudança, obviamente, não ocorreu abruptamente já que existem indicações no Novo Testamento de que dentro do grupo de Jesus havia aqueles que ainda mantinham a perspectiva messiânica condicionada à ordem da libertação nacional de orientação zelota. Tal condição parece ter sido considerada indispensável para muitos que aguardavam a vinda do messias (Cf.

Lc 24:21; Atos 1:6). Embora deva ter faltado unanimidade com relação à messianidade não violenta de Jesus (Judas Iscariotes, por exemplo, que não aceitou a versão introduzida por Jesus), o fato é que seus primeiros seguidores foram tocados por uma profunda e substancial transformação a respeito da idéia messiânica enquanto refletida na morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. Essa crença, por si, possibilitou que muitos deles superassem o aparente desapontamento e a frustração em que ele os havia deixado. O entusiasmo pela “causa de Israel” levou os seus discípulos a esperarem a segunda vinda de Jesus, ocasião em que a tarefa messiânica seria definitivamente concluída. Essa perspectiva, sem dúvida, deu um novo alento à idéia de redenção, um novo colorido, além de inédito, ao quadro da esperança redentora até então conhecido na época de Jesus.

O trabalho procura estabelecer um quadro comparativo em que, os agentes da proposta de redenção messiânica, tecnicamente chamados de “pseudo-messias”, estiveram sempre em estreita associação com as crises políticas e sociais que emergiram na terra de Israel logo após a morte de Heródes, o Grande, 4 a.C. A maioria deles tinha como objetivo comum na luta messiânica a libertação e concretização do plano salvífico de Deus em favor da “causa de Israel”. A idéia era que a verdadeira liberdade só seria concretizada no momento em que a condição política de soberania davídica fosse capaz de introduzir a liberdade numa esfera mais ampla onde o povo pudesse cultuar a Deus e obedecê-lo em plenitude, longe da dominação estrangeira.

6. CONCLUSÃO:

Para concluir, admite-se o fato de a tradição judaica se referir a Jesus como um agente messiânico que falhou em responder satisfatoriamente a perspectiva de redenção para a época. Paradoxalmente, nenhum ser humano seria capaz de fazê-lo em plenitude. O plano salvífico de Jesus deu ênfase a uma crença messiânica que foi, aos poucos, se dissociando da doutrina judaica até, finalmente, adquirir consistência própria tornando-se independente dos princípios que orientavam a doutrina messiânica da época. Salienta-se, contudo, a dívida de Jesus e da sua doutrina messiânica para com o espírito judaico pluralista que se desenvolveu anteriormente à destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C. O terceiro capítulo parte desse pressuposto e tenta evoluir a pesquisa no sentido de compreender uma possível resposta judaico-rabinica, após *Ybneh* (depois de 90 d.C.), a *Jesus de Nazaré*. Nesse tempo Cristianismo e Judaísmo, Igreja e Sinagoga, já formavam instituições opostas, dissidentes, que seriam marcadas por um alto grau de hostilidade.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDON, S.G.F. *The Fall of Jerusalem and the Christian Church*. London, SPCS, 1951.
- *Jesus and the Zealots*. Manchester, University Press: 1967.
- *The Trial of Jesus of Nazareth*. London, Paladin, 1971.
- CHARLESWORTH, James H. "Rethinking the Jewishness of Jesus". In *SIDIC* 26 (1993-3), pp.3-14.
- COHON, Samuel S. "The Place of Jesus in the Religious Life of His Day". In *JOURNAL OF BIBLICAL LITERATURE* 47 (1928), pp.82-108.
- DRUMMOND, James. *The Jewish Messiah*. London, Longmans, Green, and Co., 1877.
- EDERSHEIM, Alfred. *Life and Times of Jesus the Messiah*. New York: 1904. v. 1.
- FLUSSER, David. *Judaism and Origins of Christianity*. Jerusalem: Magnes, 1988.
- GASTON, Lloyd. *Jesus, Prophet and Messiah, No Stone on Another*. Leiden: E.J. Brill, 1970. pp. 176-298.
- GOLDSTEIN, Morris. *Jesus in the Jewish Tradition*. New York: Macmillan, 1950.
- HERR, M. David. "Messianismo político e realista e o messianismo cósmico escatológico nos ensinamentos dos Sábios". In *TARBIZ* 54 (1984-5), pp.331-3346 (Hebraico).
- HORSLEY, Richard A. "Popular Messianic Movements around the Time of Jesus". In *CATHOLIC BIBLICAL QUARTERLY* 46 (1984-3), pp.471-495.
- KLAUSNER, Joseph. *The Messianic Idea in Israel*. New York, Macmillan, 1955.
- *Jesus of Nazareth: His Life, Times and Teaching*. New York, Bloch, 1989 (reed.)

Donizete Scardelai
Professor de Bíblia e Judaísmo
Instituto Teológico São Paulo e Instituto Pio XI